

A VARIAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES DE CLIVAGEM NO ESPANHOL ATUAL

CLEFT-SENTENCES VARIATION IN MODERN SPANISH

Carlos Felipe da Conceição Pinto
UNICAMP / FAPESP

RESUMO: Este trabalho faz uma apresentação da variação das construções de clivagem no espanhol atual a partir da análise de dados coletados em *corpus* de quatro variedades (Argentina, Cuba, Espanha e México). Dentre as quatro variedades estudadas, foi constatado que o espanhol cubano é a variedade que apresenta mais tipos de construções de clivagem e o espanhol europeu é a variedade que apresenta menos tipos. Na segunda parte do trabalho, é feita uma análise formal para as construções de clivagem estudadas e, por fim, é proposta uma análise formal para a variação da clivagem no espanhol com base na variação dos traços formais do núcleo C⁰.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Espanhola; Variação em sintaxe; Focalização; Clivagem.

ABSTRACT: This work presents the variation in cleft constructions in the Modern Spanish. In order to produce this study, we have analyzed data from four varieties (Argentine, Cuba, Mexico and Spain). We have verified that the Cuban Spanish is the variety has more cleft sentences types and the European Spanish it the variety has less than all. In the second part, we have done a formal analysis for the cleft constructions studied and, then, we have proposed a formal analysis for the variation of cleft sentences in the Spanish language based in the variation of formal features in the head C⁰.

KEY WORDS: Spanish Language; Syntax variation; Focalization; Cleft sentences.

1. Introdução

Na segunda metade do século XX, com a chamada “Segunda Revolução Cognitiva”, Noam Chomsky propõe um modelo investigativo que muda o foco da análise linguística. A partir dessa perspectiva, os estudos lingüísticos, que até então focalizavam os produtos textuais (ver, por exemplo, a visão estruturalista de que a língua é um sistema autônomo), passaram a analisar os processos de produção lingüísticos para entender quais mecanismos estavam em funcionamento no cérebro humano e permitiam que o homem tivesse a capacidade inata da linguagem¹.

A partir dos anos 80, com o advento da Teoria de Princípios e Parâmetros, os estudos em sintaxe gerativa começaram a se preocupar com a comparação entre línguas diferentes a fim identificar quais são as propriedades universais da linguagem humana (os Princípios) e quais são as propriedades particulares que podem variar de língua para língua (os Parâmetros).

¹ Para uma síntese dessa proposta, ver Chomsky (1997).

No entanto, Toribio (2000) argumenta que, embora a Teoria da Gramática Gerativa tenha se ocupado principalmente com a comparação entre línguas diferentes e a comparação entre variedades de uma mesma língua tenha sido estudada principalmente sob a visão da dialetologia, é possível estudar/comparar variedades de uma mesma língua à luz da Teoria da Gramática e essa comparação pode ser bem produtiva em esclarecer aspectos do funcionamento da Faculdade Humana da Linguagem.

Esta perspectiva de investigação também é muito interessante na discussão sobre a história e a variação das línguas humanas tendo em vista que o foco investigativo são as estruturas e não os enunciados, ou numa terminologia mais técnica, o foco é a língua-I e não a língua-E conforme propõe Chomsky (1986). Assim é possível descobrir se fases ou variedades diferentes de uma mesma língua são geradas pela mesma gramática ou por gramáticas diferentes independentemente da estrutura superficial dos enunciados².

Seguindo esta linha de estudos, este trabalho pretende apresentar uma análise da variação das construções de clivagem no espanhol atual a fim discutir possíveis diferenças no tocante à clivagem nessas variedades do espanhol.

2. A variação das construções de clivagem no espanhol atual: os dados

Diversos estudos (MORENO CABRERA, 1999; DI TULLIO, 2005 etc.) sinalizam a variação das construções de clivagem no mundo hispânico, mostrando que algumas variedades do espanhol americano apresentavam mais tipos de construções que outras variedades do espanhol, incluindo o espanhol europeu³. Assim, seguindo esses autores, o espanhol europeu apresenta apenas as construções ilustradas em (2) e algumas variedades do espanhol americano apresentam além de (2) as construções ilustradas em (3) e (4) a seguir⁴.

² Para estudos da ordem de palavras na história do espanhol dentro desta perspectiva, ver os trabalhos de Fontana (1993) e Pinto (em preparação).

³ Para uma problematização sobre a variação sintática do espanhol atual dentro dessa perspectiva teórica, ver Pinto (2009a). Por outro lado, temos plena consciência da complexidade que o termo “espanhol americano” suporta. Acreditamos, seguindo Fontanella de Weinberg (1993), que o espanhol da América não é uma variedade linguística uniforme e que não é possível opô-la em bloco ao espanhol europeu. Ao falar de espanhol americano, estamos considerando um conjunto de variedades linguísticas heterogêneas desenvolvidas em solo americano. Para um maior entendimento da questão, ver Garrido Dominguez (1992), Fontanella de Weinberg (1993) e as referências citadas ai.

⁴ Os exemplos são inventados (embora representativos de construções possíveis) e focalizam o mesmo tipo de constituinte, um sintagma preposicional, para que o leitor menos familiarizado possa comparar os exemplos com mais facilidade.

- (1) Oração não-marcada: **Todos hablan de María.**
- (2) a. De quien todos hablan es DE MARÍA Pseudo-clivada básica (PC)
 b. DE MARÍA es de quien todos hablan. Pseudo-clivada invertida (PCI)
 c. Es DE MARÍA de quien todos hablan. Pseudo-clivada extraposta (PCE)
 d. DE MARÍA que todos hablan. Clivada sem cópula (CSC)
- (3) a. Es DE MARÍA que todos hablan. Clivada básica (CL)
 b. DE MARÍA es que todos hablan. Clivada invertida (CI)
- (4) Todos hablan es de María Pseudo-clivada reducida (PCR)

Em Pinto (2008), fizemos um estudo dessas construções em quatro variedades do espanhol atual (Argentina, Cuba, Espanha e México⁵) com base num *corpus* elaborado a partir de entrevistas coletadas na Internet e filmes das quatro regiões analisadas. A seguir, apresentamos uma síntese dos dados encontrados no referido trabalho⁶:

2.1 Pseudo-clivada Básica (PC)

Vários tipos de constituintes (sintagmas nominais, sintagmas verbais, sintagmas preposicionais e orações inteiras) e com diversas funções sintáticas podem ser clivados com uma PC em todas as variedades do espanhol. Além disso, a PC pode ser utilizada para ilustrar um foco contrastivo ou foco informativo.

- (5) a. En una ciudad como Madrid **lo que no falta es TRABAJO.**
- b. Como decía antes es una medida que evidentemente **a quien más favorece es AL VECINO** y por eso la mayoría de las plazas son verdes
- c. Homem: ¿Qué trajiste? [ele diz o nome, que não foi compreendido na transcrição]
 Pai: No.. **acá lo que tienes es UNA COMPOTA DE MENDICRÍN COM BORRA DE CAFÉ...** y comible.

⁵ A escolha dessas variedades está baseada no *continuum* de standardização proposto por Fontanella de Weinberg (1993) para o espanhol americano.

⁶ Em alguns casos, transcrevemos todo o contexto. A parte relevante dos dados está em negrito. Os dados grifados com sublinhado indicam foco informativo. Os dados grifados com maiúsculas indicam foco contrastivo.

d. Mire aquél otro. Aquel, aquel. ¿Parece que va borracho, no? Ese, **lo que le pasa es QUE ESCUCHÓ UNA PALABRA QUE NO LE GUSTA OÍR.**

e. Ángel: ¿Cómo está mamá?

Ignacio: Pues le dio otro infarto pero ya está bien.

Ángel: ¿Sí?

Ignacio: **La que está mala soy YO.**

f. **Lo que pretendo es ROMPER TODA CONDICIÓN AFÍN A LA CONCENTRACIÓN DE PODER.**

A PC é a única estratégia encontrada que pode focalizar sintagmas verbais e sentenças inteiras⁷.

2.2 Pseudo-clivada invertida (PCI)

Vários tipos de constituintes podem ser clivados com uma PCI: sintagmas nominais, sintagmas adverbiais, sintagmas preposicionados. Discursivamente, a PCI só pode ser utilizada para indicar um foco contrastivo.

(6) a. Papito: Asesina, asesina... no lo mates... no...

Caimana: Cállate la boca, comemierda. No vengas aquí a formar escándalo. Tú sabes que tienes prohibida la entrada en esta casa.

Papito: claro, pero si así **USTED es quien me ha metido.**

b. Es bonito, ya últimamente ahora **DESPUÉS DE VIEJO es cuando estoy sacando mi cosa más sabrosa.**

c. **DE ESO es lo que estamos hablando.**

⁷ Observe-se que essa não é uma regra universal. O PB aceita focalização de sintagmas verbais com outros tipos de construção de clivagem: “É comer que eu quero, e não lanchar”.

d. Padre Benito: ¡Estoy hablando de guerrilleros!

Padre Natalio: Yo le estoy hablando de narcos, de los que invaden las [...] de los campesinos, de los que obligan a la gente a sembrar amapola o las amenazan o los matan si se niegan a trabajar para ellos. **Pistoleros y narcos, ESO es lo que hay en mi comunidad** y esos son los asesinos de mi gente.

2.3 Pseudo-clivada extraposta (PCE)

Apenas sintagmas nominais e sintagmas preposicionais/adverbiais podem ser clivados com as PCE:

- (7) a. Perdón... Recuerde que los días de visita son el sábado y el domingo. Pero que **es EL INTERNO el que tiene que solicitar la visita.**
- b. A: Habíamos vuelto... llevábamos un mes juntos. Lidia fue a la boda para decírtelo, pero cuando te vi en la boda, me di cuenta de que no te había dicho nada.
B: **Era POR TI por quien lloraba en la boda...**
- c. Muchas veces la reforma política no sólo se logra modificando las normas electorales, sino también se logra modificando las formas de ejercicio del poder para hacerlo más plural. **Es ALLÍ donde estoy apuntando en materia una reforma política que garantice participación.**

Discursivamente, a PCE é utilizada para indicar foco contrastivo. Contudo, no espanhol cubano, a PCE pode ser utilizada para indicar foco informativo:

- (8) **C.E.:** ¿Y hubo alguna Institución que te apoyaba en este tipo de....?
C.M.: Si, fue **la Fundación Naumann, [...] la que financió mi viaje** y la que ayudó a las distintas instituciones liberales de cada uno de estos países a que a su vez organizaran la recepción y la logística del movimiento por cada uno de estos países.⁸

⁸ Os colchetes estão indicando a supressão de uma oração apositiva para facilidade o entendimento do exemplo.

2.4 Clivada Básica (CL)

As CL aparecem apenas na Argentina e em Cuba. No caso da Argentina, aparece apenas um sintagma preposicional clivado e no caso de Cuba aparecem sintagmas nominais (plenos e pronominais). Em ambos os casos, a função discursiva é de contraste.

- (9) a. Pero ¿no te das cuenta? **No es POR ELLA que se quiere casar.** Es por él.
- b. Ahora además, ha ocurrido otra cuestión, que fue el 11 de septiembre. **Fue ESA ATROCIDAD que sufrió el pueblo estadounidense** y la forma que ha sido manejada por esta Administración.
- c. Yoli: Y ¿quién te dijo que me tengo que operar del hígado?
Papito: Tu mamá no quería. **En realidad fui YO que la obligué.**

No caso do espanhol cubano, como em (9b), o elemento focalizado é o objeto direto. Esse dado é interessante porque vários outros trabalhos mostram que a focalização do objeto direto por uma CL é agramatical (cf. DI TULLIO, 2005), o que mostra que o espanhol caribenho é diferente das demais variedades do espanhol.

2.5 Clivada Invertida (CI)

Em Pinto (2008), consideramos dois tipos de CI: a) com a cópula; e b) com o marcador focal “si”⁹. À exceção da Espanha, todas as outras variedades apresentam a CI. Contudo, somente Cuba apresenta a verdadeira CI com a cópula. Apenas sintagmas nominais e sintagmas preposicionais/adverbiais são clivados com a CI e têm a função discursiva de contraste.

- (10) a. Diego: Hoy pareces otro.
Davi: No. Hoy soy como soy. **EL OTRO DÍA es que estaba distinto.**¹⁰

⁹ Consideramos essa construção como uma CI a partir da análise unificada para construções focais feita por Toribio (2002).

¹⁰ Talvez, o fato de não haver concordância temporal entre a cópula e o verbo da oração subordinada pode conduzir a uma leitura equivocada dessa construção. O leitor deve estar atento para não confundir esta construção com a representativa “es que el otro día estaba distinto”. Para uma análise que distingue essas construções ver Di Tullio (1999).

- b. Entonces la pintura es algo mucho más personal, y de esa manera uno tiene más facilidades para expresarse. **EN ESE SENTIDO es que hablo de la libertad.**
- c. Muchacho: Qué pescado es este?
 Mujer: [fala o nome]
 Muchacho: **TÚ sí que conoces de pescado.**
 Mujer: claro. Es mi mundo.
- d. porque **AHÍ sí que estaríamos lucidos**, ¿no?

2.6 Clivada sem cópula (CSC)

No corpus analisado, apenas o espanhol mexicano e o espanhol europeu apresentaram as CSC, que tinham função discursiva de ênfase (foco contrastivo):

- (11) a. yo quisiera regresar a lo que me parece mas importante desde nuestro punto de vista y que creo que es la novedad, hay que invertir más en la prevención, tenemos familias, familias con mucha violencia, **ESTO que yo decía al principio**, si una mujer en su casa es asesinada cada 8 horas, para que sea asesinada, fueron 2, 3, 4, 5 años de violencia en la familia,
- b. Necesitamos aumentar capital en México, **DE AHÍ que la palabra clave para aumentar productividad en México es inversión.**

2.7. Outras construções de clivagem

No corpus analisado foram encontradas as chamadas *(pseudo)clivadas-truncadas* como ilustrado em (12). Essas construções são estruturalmente idênticas a uma CL ou PCE, porém, sofrem o apagamento da parte pressuposta. Discursivamente, indicam um foco contrastivo.

- (12) a. Cura: Pero prométeme que lo que ha ocurrido esta noche no volverá a ocurrir...
 Ignacio niño: ¿Y Enrique?
 Cura: ¿Qué pasa con Enrique?
 Ignacio niño: ¿Lo va a castigar?

Cura: Lo voy a expulsar. Seguro que fue él quien te llevó al baño.

Ignacio niño: No... fui YO.

- b. Pero ¿no te das cuenta? No es por ella que se quiere casar. **Es POR ÉL.**

Construções *pseudo-clivadas reduzidas* como a ilustrada em (4) não foram registradas no corpus analisado.

2.8 Algumas considerações sobre a variação das construções de clivagem

A primeira observação está relacionada com a porcentagem dos dados. A primeira parte da coleta de dados contou apenas com o levantamento das construções de clivagem. Como essa estratégia se mostrou pouco produtiva, o estudo foi ampliado para as demais estratégias de focalização. Muitos estudos têm indicado que a clivagem é uma estratégia mais complexa e menos econômica e que várias línguas não exibem essas construções (SORNICOLLA, 1988; DI TULLIO, 2005). Como o espanhol ainda permite e recorre frequentemente à inversão VS, por exemplo, a pouca ocorrência de clivagem poderia ser indício dessa rejeição à clivagem. No entanto, como a **tabela 1**, a seguir, mostra, as construções de clivagem têm ocorrências semelhantes às das demais estratégias, o que indica que a clivagem não é preterida no espanhol atual.

A **tabela 1** sintetiza a quantidade de estratégias encontradas por zona. As colunas verticais indicam as estratégias e as linhas horizontais indicam as zonas. Abaixo das zonas e ao lado das colunas o total é registrado.

Tabela 1: Quantidade das estratégias de focalização				
	Alteração da Ordem	Foco <i>in-situ</i>	Clivagem	Total
ESP	33	55	41	131
MEX	74	61	75	210
ARG	92	80	64	236
CUB	50	46	57	153
TOTAL	249	242	239	730

A **tabela 2** indica a porcentagem, que é referente aos dados de cada zona.

Tabela 2: Porcentagem das estratégias de focalização				
	Alteração da Ordem	Foco <i>in-situ</i>	Clivagem	Total
ESP	25%	43%	32%	100%
MEX	34%	29%	37%	100%
ARG	39%	34%	27%	100%
CUB	33%	30%	37%	100%

Observe-se que cada estratégia de focalização se situa na casa dos 30% nas quatro zonas. Inclusive, em algumas delas, como é o caso de Cuba e do México, a clivagem apresenta uma porcentagem um pouco maior que as demais estratégias, o que evidencia, de fato, que a clivagem não é preterida. O problema se levanta realmente quando as **tabelas 3** e **4**, a seguir, que mostram a ocorrência dos tipos de construções de clivagem, são analisadas.

Tabela 3: Ocorrência das construções de clivagem					
	ESP	MEX	ARG	CUB	TOTAL¹⁹
CL	--	--	01	03	04
CI	--	01	02	05	08
CSC	01	02	--	--	03
PC	24	37	25	28	114
PCI	03	20	18	10	51
PCE	09	06	05	04	24
PCT	01	03	01	01	06
TOTAL	38	69	52	51	210

Tabela 4: porcentagem da ocorrência das construções de clivagem				
	ESP	MEX	ARG	CUB
CL	--	--	1,9%	5,9%
CI	--	1,5%	3,7%	9,8%
CSC	2,6%	2,8%	--	--
PC	63,1%	53,8%	48,0%	55,0%
PCI	7,9%	29,1%	35,0%	19,6%
PCE	23,7%	8,5%	9,5%	7,8%
PCT	2,6%	4,3%	1,9%	1,9%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

As **tabelas 3 e 4** mostram que as construções PC e PCI são as estratégias preferidas nas quatro variedades do espanhol. Os dados também mostram que as PCE são preferidas em detrimento das CL e das CI. No entanto, como previsto na hipótese de Pinto (2008), o espanhol cubano apresenta mais tipos de construções de clivagem que as demais variedades do espanhol.

Fica, portanto, a necessidade de se descobrir qual propriedade da sintaxe do espanhol caribenho (cubano, no caso) está licenciando, mesmo que timidamente, as CL e CI, que não são licenciadas no espanhol da Espanha, por exemplo¹¹. Além disso, as CI que são licenciadas no México e na Argentina não são as verdadeiras CI, com a cópula; mas as CI com um advérbio de afirmação, que está sendo analisado como marcador focal.

3. Uma análise formal da clivagem

3.1. A análise adotada para a clivagem

Adotamos a definição de clivagem proposta por Modesto (2001, p. 21):

- (13) As construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barra dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade.

Contudo, diferentemente de Modesto (2001), apenas são consideradas construções de clivagem aquelas construções que têm uma leitura semântica específica e, ao mesmo tempo, uma estrutura sintática característica.

Também, seguindo Modesto (2001), diferenciamos as sentenças *clivadas* das *pseudo-clivadas*. As sentenças *clivadas* são constituídas por duas orações bipartidas, sendo que a primeira oração é uma oração focalizadora e a segunda oração é uma oração subordinada à oração focalizadora. Por outro lado, as sentenças *pseudo-clivadas* são compostas por uma oração copulativa em que o elemento focalizado é o sujeito e a parte pressuposta é o predicado da mini-oração¹².

¹¹ Bastante posteriormente à análise feita em Pinto (2008), encontramos uma entrevista de Frankie Ruiz, falecido cantor portorriquenho, na aparece a seguinte CI:

(i) ¿Tú sabes una cosa? Es que lo que pasa hoy en día es que hay mucho, vaya, cantante, digo artista, vamos a ponerlo así, que no se han dado cuenta que **el público es que sube a uno**. ¿Tú me entiendes?

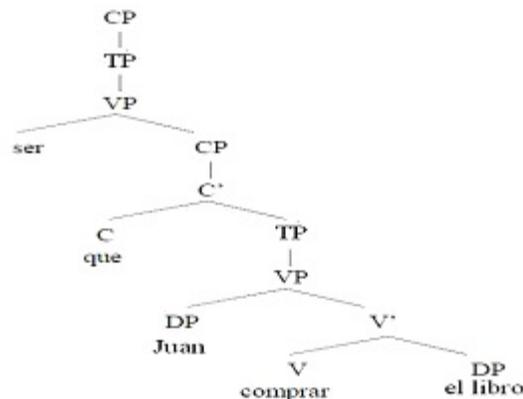
Embora o dado em (i) acima não faça parte do corpus analisado, confirma a hipótese de que alguma coisa diferente acontece na sintaxe do espanhol caribenho.

¹² Na análise de Modesto (2001), o movimento A-Barra é feito por constituintes diferentes nos dois tipos de clivagem. No caso das *pseudo-clivadas*, quem faz o movimento A-Barra é a relativa livre. No caso das *clivadas*,

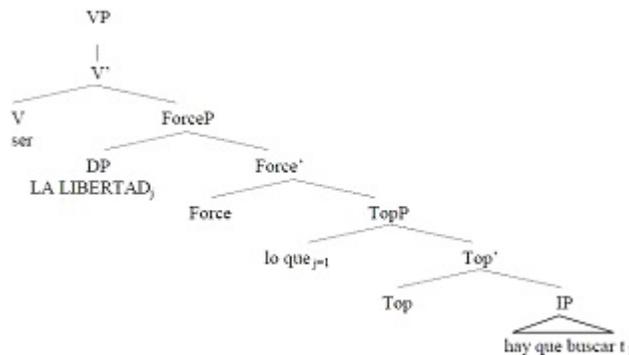
Adotamos, também, uma estrutura da sentença cartográfica no sentido de Rizzi (1997) e Belletti (2004). No sentido de Rizzi (1997), o CP tem mais projeções (ForceP, FocP, TopP, FinP) que uma única camada CP¹³. Por outro lado, Belletti (2004) propõe a existência de uma periferia interna da sentença, localizada entre vP e IP/TP, semelhante ao CP de Rizzi (1997)¹⁴.

A partir dessa síntese, as estruturas básicas proposta por Pinto (2008), adaptada da proposta de Modesto (2001), para as *clivadas* e *pseudo-clivadas* são as estruturas ilustradas em (14) e (15) respectivamente.

(14) sentença clivada



(15) sentença pseudo-clivada¹⁵



quem faz o movimento A-Barra é o elemento focalizado. Como será observado a seguir, na análise que propusemos em Pinto (2008), tanto nas *pseudo-clivadas* como nas *clivadas*, quem faz o movimento A-Barra é o elemento focalizado devido à necessidade de checagem de traços na periferia da sentença.

¹³ Quando a distinção entre essas camadas não for relevante, apenas utilizaremos o rótulo CP.

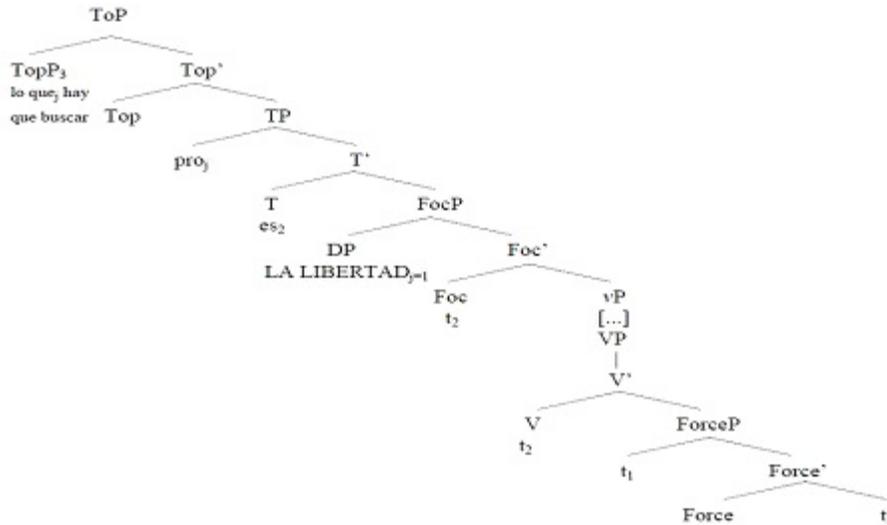
¹⁴ A diferença da periferia esquerda para a periferia interna reside no fato de que somente a periferia esquerda tem o sistema Força-Finitude. As razões para isso são óbvias.

¹⁵ Em Pinto (2008) fizemos uma pequena discussão sobre a representação das mini-oracões no sentido de que se o sujeito é especificador ou adjunto do predicado. Assumimos, naquele momento, que o sujeito é especificador do predicado.

3.2. As pseudo-clivadas

As PC e PCI são derivadas a partir da estrutura ilustrada em (15) e o que as difere são os movimentos realizados em cada caso¹⁶. A estrutura proposta para a PC é a ilustrada em (16) a seguir:

(16)



Para a derivação da estrutura em (16), são propostos as seguintes operações relevantes: o constituinte focalizado se move de SpecForceP para SpecFocP interno. Em seguida, o verbo copulativo sai de V^0 , passa pelo v^0 e pelo Foc^0 da periferia baixa, onde satisfaz os critérios de foco, e se aloja em T. De acordo com a proposta de Belletti (2003), os sujeitos pós-verbais são vinculados a um *pro* na posição de SpecTP, através do qual a cadeia checa Caso e traços ϕ ¹⁷. Como esta análise dispensa o sistema Agr, ao contrário da proposta de Modesto (2001), o elemento focalizado é obrigado a realizar um movimento A-Barra (que, neste caso, é para FocP da periferia interna), de acordo com a definição de clivagem adotada em (13) acima. Por fim, o TopP que permanece na posição de origem, dentro da relativa livre, se move para TopP da periferia esquerda, para satisfazer o requerimento fonológico de deixar o foco informativo na posição mais encaixada¹⁸.

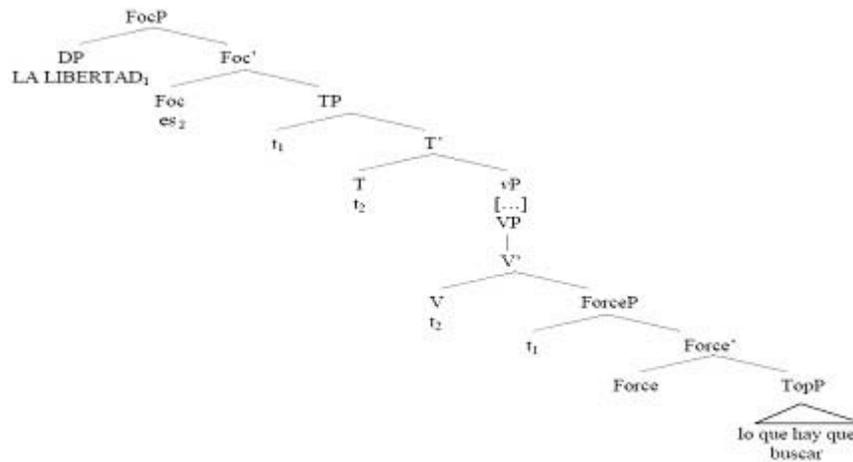
¹⁶ Para a derivação das PCE, ver a seção das *clivadas*.

¹⁷ Uma questão a ser levantada é: seria necessário ainda se recorrer ao BigDP num sistema baseado na operação *Agree*? Pode-se imaginar que o foco checa os traços ϕ por c-comando e o *pro* expletivo é inserido somente para satisfazer EPP.

¹⁸ Como foi mostrado antes, somente as PC permitem a leitura de foco informativo, o que pode ser uma evidência de que as regras fonológicas de Zubizarreta (1998) são bastante ativas no espanhol atual.

Por outro lado, a estrutura proposta para as PCI é representada em (17):

(17)



Em (17), para a PCI, ao contrário da PC, a relativa permanece *in-situ* e o constituinte focalizado se move para SpecTP para checagem de traços ϕ haja vista a concordância com a cópula¹⁹ e, em seguida, se move para FocP da periferia esquerda, onde checa os traços de foco. O verbo faz um percurso mais longo que nas PC: sai de V^0 , passa por v^0 e por T^0 , onde checa os traços de tempo, e sobe para Foc^0 ²⁰, onde satisfaz os critérios de foco²¹. Seria pertinente o questionamento de por que o foco não pode ser checado na periferia interna. Como os traços de tempo do verbo, no espanhol (cf. TORIBIO, 2000, 2002), são fortes, o verbo deve ser movido para T^0 . E se o foco é checado na periferia interna, a ordem linear é diferente de (17).

3.3. As clivadas

Primeiramente, em Pinto (2008) questionamos a análise das PCE e CL como estruturas diferentes. Apresentamos uma série de argumentos que torna plausível a análise

¹⁹ Aqui retorna a questão de Agree e o BigDP.

²⁰ Como comentaremos mais abaixo na nota 24, na verdade, o verbo não se move até Foc^0 .

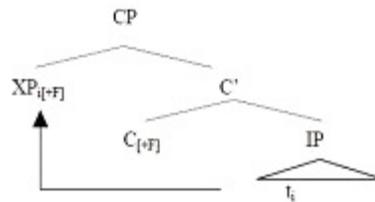
²¹ Observe-se que nas sentenças simples, quando o objeto do verbo é focalizado na periferia esquerda, via alteração da ordem básica, a inversão VS é obrigatória:

- (i) Andrés Manuel, me parece muy importante el tema de salud como eje de este Estado de bienestar deseable y diría yo realizable, **SALUD, EDUCACIÓN PARA TODOS, ha dicho usted**, pero quienes prestan estos servicios son generalmente cuestionados por los propios pobres y humildes que a usted le preocupan mucho. (PINTO, 2008, p. 97)

das PCE e das CL como tendo a mesma estrutura²². A estrutura de base proposta para as CL, CI, PCE e *(pseudo)clivada truncada* é derivada daquela ilustrada em (14) em que uma cópula focalizadora seleciona um CP_[+F] no qual o elemento focalizado vai ter os traços checados numa configuração especificador-núcleo²³. Assim como no caso das *pseudo-clivadas*, o que diferencia as *clivadas* são os tipos de movimento e a variação em algum traço formal de algum núcleo funcional. No caso da *clivada truncada*, em adição, há o apagamento da pressuposição.

No caso da CL e da PCE, há um movimento A-Barra do XP focalizado de sua posição inicial na oração subordinada para a posição de SpecFocP no CP subordinado. A diferença entre a PCE e a CL se refere ao fato de que a primeira exhibe algum tipo de concordância entre o XP focalizado e o núcleo do CP, quando o XP se move de sua posição no interior da oração subordinada para a posição de especificador no sentido da concordância dinâmica de Rizzi (1991) como ilustrado em (18):

(18)



Rizzi (1991) considera, entre outras questões, algumas assimetrias entre interrogativas principais e subordinadas do francês, com relação à aplicação do que ele chama de Critério-Wh²⁴, e fala de concordância estática e dinâmica. A concordância estática

²² Em Pinto (2009b), apresentamos dados da aquisição da clivagem por crianças falantes de espanhol europeu e mostramos que as duas construções aparecem no mesmo momento da aquisição, o que, na nossa interpretação, mostra que ambas estão relacionadas estruturalmente.

²³ Essa idéia foi assumida em Pinto (2008). Porém, como mostraremos na nota a seguir, essa relação especificador-núcleo precisa ser revista nesses tipos de construção.

²⁴ Critério-Wh é definido por Rizzi (1991, p. 2) da seguinte maneira (Tradução nossa):

A. Um operador Wh deve estar numa configuração Especificador-núcleo com um X⁰_[+wh].

B. Um X⁰_[+wh] deve estar numa configuração Especificador-núcleo com um operador Wh.

Embora tenhamos assumido em Pinto (2008) que a relação entre foco e marcador focal nas construções de clivagem seja de especificador-núcleo, como propõe o Critério-Wh, precisamos fazer aqui uma pequena correção. Ribeiro (2009) mostra que esta relação não pode ser, de fato, especificador-núcleo nestes casos porque é possível inserir uma oração parentética ou um elemento adverbial entre o foco/interrogativo e o “que”:

- (i) a. Segundo Maria, foi João que meu irmão viu.
b. Foi João, segundo Maria, que meu irmão viu.
- (ii) a. Segundo Maria, quem (é) que deve continuar o trabalho?
b. Quem, segundo Maria, (é) que deve continuar o trabalho? (RIBEIRO, 2009, p. 5)

é aquela na qual ambos, núcleo e especificador, apresentam um dado traço; já a concordância dinâmica é aquela em que o especificador é capaz de dotar o respectivo núcleo com os traços em questão. A concordância dinâmica é relevante para XPs categorizados desde que as propriedades de seleção sejam mantidas, de acordo com o Princípio de Projeção. Se um V^0 seleciona um $CP_{[+wh]}$, este CP não pode ser dotado dos traços [+wh] por concordância dinâmica, porque feriria, assim, o Princípio de Projeção, conforme assinala Rizzi (1991) para esses casos do francês²⁵.

Esta possibilidade de concordância entre SpecCP e C^0 não fere o Princípio da Projeção, que regula as propriedades de seleção dos núcleos lexicais: o $CP_{[+F]}$ continua sendo selecionado pela cópula focalizadora e apenas será dotado dos traços ϕ e de caso do especificador desencadeando, assim, a concordância. Outro argumento que corrobora o não ferimento do Princípio de Projeção, no caso da concordância dinâmica de F^0 com SpecFocP, é que, segundo Rizzi (1997), os traços [$\pm F$] são inerentes ao núcleo F^0 , diferentemente dos traços [$\pm Wh$], que podem ser transmitidos por outro núcleo funcional, como I^0 ; por conseguinte, um $CP_{[-F]}$ não pode se converter em $CP_{[+F]}$ por concordância dinâmica.

Dentro de uma visão minimalista, o traço [+F] do CP já vem com ele na numeração. Assim, quando o $XP_{[+F]}$ é movido para SpecFocP, apenas checará os traços contra o núcleo. Tendo em vista que os traços ϕ do núcleo são [-interpretáveis], a numeração pode conter o complementizador *default* ou o dotado de concordância: no caso do $C_{[-conc]}$ a derivação converge por *default*; no caso do $C_{[+conc]}$ a derivação converge porque os traços do núcleo são compatíveis com os traços de foco do XP na posição de especificador. Como os traços de concordância do complementizador não são interpretáveis em LF (forma lógica), não sendo relevantes, portanto, para a interpretação semântica, podem aparecer na numeração ou não.

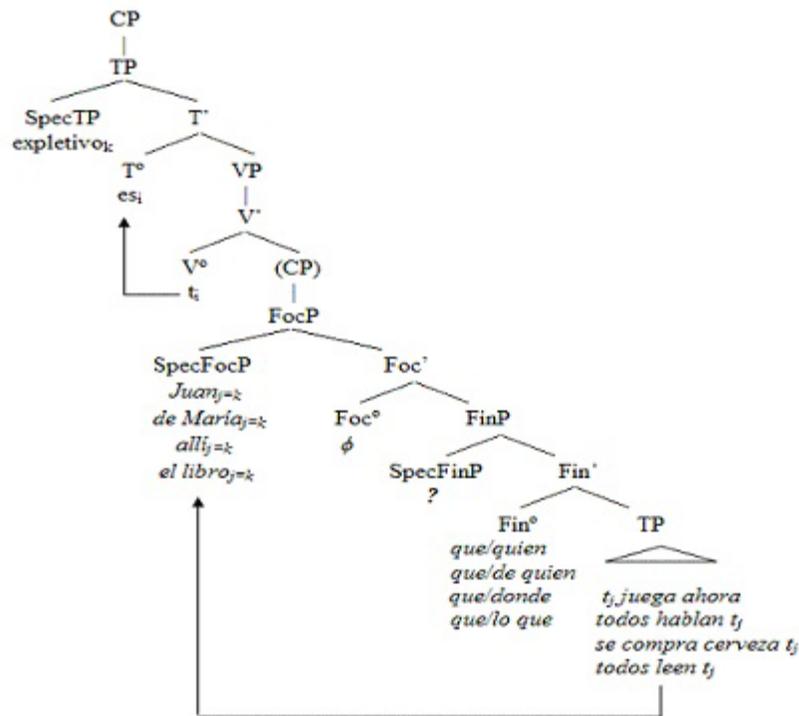
A estrutura proposta para as CL e PCE (e para a *pseudo-clivada truncada*, com adicional apagamento da parte pressuposta) é a ilustrada em (19):

Assim, para a autora, o núcleo no qual se encontra o complementizador “que”, seguindo a proposta de Roberts (2004), é o núcleo mais baixo do campo CP, ou seja, Fin^0 .

Desta forma, o leitor tem que ter em conta que estamos assumindo duas coisas quando falamos em CP: a) que o CP é um campo que possui várias outras projeções, como comentado acima; b) No caso das clivadas, o complementizador não está numa relação especificador-núcleo com o foco e que este complementizador se encontra numa posição mais baixa, em Fin^0 .

²⁵ Trazendo a questão para uma discussão minimalista, de que os traços podem estar valorados ou não na numeração, se um CP é dotado do traço [-wh] na numeração, no decorrer da derivação ele não pode ter seu traço alterado para [+wh] e o operador $_{[+wh]}$ que ocupará a posição de especificador desse $CP_{[-wh]}$ não poderá ter os traços checados contra o núcleo $_{[-wh]}$. Assim, a derivação não convergirá.

(19)



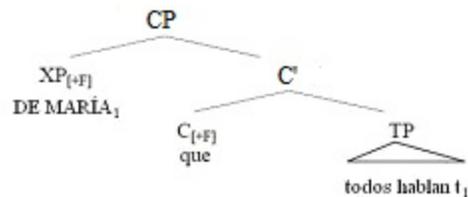
Por outro lado, para a derivação da CI, o elemento focalizado precisa se mover para a posição de especificador do CP matriz tendo em vista que o CP subordinado não é dotado dos traços de foco e o $XP_{[+F]}$ não pode checar seus traços nessa posição.

Com relação à não aplicação do movimento prosódico, na estrutura em (18), a fim de que o foco seja o elemento mais encaixado na estrutura, a explicação pode ser dada com base no próprio trabalho de Zubizarreta (1998): o movimento prosódico se aplica nos casos de foco informativo mas o acento de foco contrastivo pode se colocado em qualquer posição. Como discutido na seção 2, os dados do espanhol (a exceção do espanhol cubano) mostram que a única construção que pode ser utilizada para foco informativo é a *pseudo-clivada básica*. As demais construções são utilizadas apenas para um foco contrastivo, o que está de acordo com a proposta de Zubizarreta (1998). Por outro lado, o espanhol cubano (assim como o português brasileiro), como consequência da perda da ordem V-S perdeu (ou ganhou) uma série de propriedades diferentes do espanhol europeu. Entre elas se encontra a perda da restrição prosódica, o que permite que uma CL ou PCE possa ser utilizada para foco informativo, já que não há obrigatoriedade do elemento focalizado estar na posição mais à direita.

3.4. Clivada sem cópula

Seguindo as análises de Kato e Raposo (1996) e Kato e Ribeiro (2009) para o português, pode-se dizer que, nestes casos ilustrados em (11) acima, não há uma construção de clivagem propriamente dita. Kato e Ribeiro (2009) comentam que a derivação pára antes da inserção da cópula. Esse tipo de construção pode ser entendido como uma construção focal em que o núcleo F^0 vem realizado morfologicamente por concordância dinâmica²⁶. Assim, a estrutura proposta para sentenças do tipo de (11) é a de uma oração simples, com o especificador do $CP_{[+F]}$ preenchido pelo elemento focalizado e o núcleo realizado morfologicamente pelo marcador focal “que”, como propõem Kato e Raposo (1996), conforme ilustrado em (20) abaixo:

(20)



Como atestado por diversos autores e mostrado acima, o espanhol da Espanha não apresenta as CL nem as CI²⁷. Mas, como mostrado em (11), o espanhol europeu apresenta *clivada-sem-cópula*, o que indica que a *clivada-sem-cópula* não pode ser derivada, de fato, da estrutura da CL com apagamento da cópula²⁸. Assim, a diferença entre (21a) e (21b) abaixo reside no fato de que (21a) tem um elemento nulo ocupando o núcleo F^0 e (21b) tem um marcador morfológico realizado a partir da estrutura ilustrada em (20) acima:

- (21) a. POR ESO te pregunté.
b. POR ESO que te pregunté.

Nesta seção, procuramos apresentar uma análise formal para as construções de clivagem encontradas no *corpus* estudado. Mantivemos a diferença entre *clivadas* e *pseudo-clivadas*; porém, assumimos: a) que em ambos tipos de construção de clivagem o foco é o

²⁶ Ver Miotto e Kato (no prelo) para uma análise semelhante com relação às interrogativas WhSV do PB atual.

²⁷ Em Pinto (2009b) questionamos essa afirmação. Encontramos dados empíricos tanto das crianças como dos adultos que interagem com essas crianças que mostram a existência de CI no espanhol europeu.

²⁸ Se essa fosse a análise correta, o esperado é que a CL também estivesse disponível no espanhol europeu.

elemento que faz o movimento A-Barra; b) que as PCE, na realidade, são construções *clivadas* e não *pseudo-clivadas*.

Para uma análise formal das *pseudo-clivadas reduzidas*, que não foram encontradas no *corpus*, ver a análise de Kato (2008).

4. A variação das construções de clivagem no espanhol atual: aspectos formais²⁹

Considere-se a tabela 4, repetida abaixo como tabela 5, sobre a porcentagem das construções de clivagem:

	ESP	MEX	ARG	CUB
CL	--	--	1,9%	5,9%
CI	--	1,5%	3,7%	9,8%
CSC	2,6%	2,8%	--	--
PC	63,1%	53,8%	48,0%	55,0%
PCI	7,9%	29,1%	35,0%	19,6%
PCE	23,7%	8,5%	9,5%	7,8%
PCT	2,6%	4,3%	1,9%	1,9%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

A tabela 5 mostra que a construção de clivagem preferida, nas quatro regiões, é a PC. No México, na Argentina e em Cuba, a PCI é a segunda estratégia preferida; já na Espanha, a segunda estratégia preferida é a PCE. As construções CL aparecem, embora timidamente, na Argentina e em Cuba. As CI aparecem no México, na Argentina e em Cuba³⁰.

Seguindo a proposta de (19) acima, onde apresentamos uma estrutura unificada para as CL e PCE, pode-se supor que o espanhol, segundo o *corpus* analisado, com relação às construções de clivagem, se divide em dois grupos: a) variedades que exibem somente o traço [+concordância] em C⁰ subordinado, como é o caso do espanhol da Espanha e o espanhol do México; b) variedades que exibem o traço [±concordância] no núcleo C⁰ subordinado, como é o caso do espanhol da Argentina e o espanhol de Cuba.

²⁹ Por motivo de espaço, estamos dando por pressuposto o modelo assumido recentemente no quadro teórico do gerativismo para a variação inter e intralinguística, que se refere à variação (micro)paramétrica, que está relacionada com a variação nos traços formais dos itens funcionais das línguas. Para uma discussão do espanhol nesse sentido, ver Toribio (2000).

³⁰ Vale lembrar que as verdadeiras CI, com a cópula, só aparecem no espanhol cubano.

Uma segunda hipótese que pode ser assumida a partir da tabela 5 é a de que, no espanhol, a PCE é licenciada independentemente de outras construções de clivagem, mas a CL somente é licenciada pela existência de CI.

Essa variação se dá através do processo de concordância dinâmica proposto por Rizzi (1991) como comentamos acima. Seguindo Kato e Ribeiro (2006, 2009), nas CI, o CP subordinado é $C^0_{[-F]}$; desta maneira, o $XP_{[+F]}$ só pode checar seus traços de foco no CP matriz. Como a posição de SpecCP subordinado não é uma posição disponível para a checagem de foco nas CI³¹, não é possível desencadear a concordância dinâmica entre $XP_{[+F]}$ e $C^0_{[-F]}$ subordinado.

Conforme a porcentagem dos dados mostrou (há um maior percentual de CI que de CL e o México apresenta um percentual baixo e CI e 0% de CL), pode-se inferir que, após o licenciamento das CI, as CL começam a ser licenciadas³² (o núcleo *que*_[-F] subordinado pode ser o gatilho para a existência do núcleo *que*_[+F] subordinado). Por outro lado, as PCE não dependem de outras construções para serem licenciadas tendo em vista que, no momento em que o foco se move para o SpecCP subordinado desencadeia automaticamente a concordância dinâmica com o C^0 .

5. Considerações não finais

Em termos estritamente formais, diferenças nas propriedades formais do C^0 subordinado, contudo, não são suficientes para explicar a variação da clivagem no espanhol; outras propriedades formais da língua podem estar em jogo nesse processo de variação da clivagem. Os estudos sobre as interrogativas do português (cf. LOPES ROSSI, 1993, 1996; KATO e MIOTO, 2005; MIOTO e KATO, no prelo) têm mostrado que existe uma relação entre perda do sujeito nulo, interrogativas e clivagem: à medida que se começa a perder a ordem WhVS, começam a ser inseridas as interrogativas *pseudo-clivadas*³³. Toribio (2000, p.

³¹ Se esta posição estivesse disponível, seguindo o princípio de movimento mais curto quanto possível, o $XP_{[+F]}$ deveria checar seus traços nessa posição e, portanto, não poderia se mover posteriormente para para o CP matriz, conforme assinala Rizzi (2004).

³² Kato e Ribeiro (2006, 2009) mostram que esse é o panorama na história do português. No entanto, seguindo Coseriu (1979) e Lightfoot (1993), não é possível encontrar explicações universais para as mudanças linguísticas. A história das construções de clivagem no espanhol pode revelar um panorama diferenciado. Veja-se que, segundo Modesto (2001), o inglês apresenta as CL porém não permite as CI. Talvez a inexistência de CI em inglês se deva ao fato de o inglês ser uma língua que apresenta sujeito expletivo lexicalizado.

³³ Kato e Ribeiro (2006, 2009) mostram que as interrogativas *clivadas* são as últimas estratégias a aparecerem, já no século XIX.

322) diz que: “Dominican Spanish also employs an additional strategy as a means of circumventing the inverted order, namely, the pseudocleft ilustrad in (8)”³⁴.

Quando estudamos a aquisição da clivagem no espanhol europeu, justamente para saber se a inexistência das *verdadeiras clivadas* nesta variedade se devia a uma questão de aquisição de fato ou a um fator normativo, conforme Di Tullio (1999, 2005) diz parece estar atuando/ter atuado no espanhol, constatamos que, tanto crianças como adultos falantes de espanhol peninsular produzem a CI, como ilustramos em (22) a seguir (dados de PINTO, 2009, p.18/20):

- (22) a. *RAQ: como mi hermana bien ha dicho antes # en el colegio se burlan mucho de las gafas y a mí eso me molesta mucho # porque yo antes llevé gafas .
 *RAQ: me las quitaron por medio de una operación .
 *RAQ: **la operación fue que me hicieron en el ojo +//.**
- b. *CAR: sí # una señora # tendiendo a los niños del pie # para que se sequen .
 *NAT: para que se sequen ?
 *CAR: porque no se ponen el abrigo # y se mojan # con la lluvia .
 *NAT: claro # como tú te pones el abrigo +//.
 *CAR: como son niños pequeños no lo entienden .
 *CAR: y lo que nunca <han sido a mamas> [?] # <xxx en tonterías> [= ! riendo] .
 *NAT: **tú es que ya lo entiendes .**
 *CAR: claro # ya lo entiendo .

Também em Pinto (em preparação) constatamos no *corpus* diacrônico analisado³⁵ construções de clivagem que, segundo Moreno Cabrera (1999), por exemplo, não fazem parte do espanhol europeu, as quais ilustramos em (23) a seguir:

³⁴ “O espanhol dominicano também emprega uma estratégia adicional como meio de circunscrever a ordem invertida, ou seja, a pseudo-clivada ilustrada em (8)[4]”. Tradução nossa.

³⁵ Utilizamos nesse trabalho o *corpus* diacrônica da Real Academia Española, CORDE.

- (23) a. es así que una de estas miserias fue sin duda el frío, (1841)
- b. y fueron los hombres viciosos insectos que poblaron más tarde su oscura pelambrera. (1981)

Os dados em (22) e (23) acima nos levam ao questionamento de que se a clivagem está sendo descrita de acordo com o que os falantes produzem de fato ou se a clivagem está sendo descrita a partir de algum ideal, seja ele qual for, de língua³⁶.

Acreditamos que a análise proposta em Pinto (2008), que sintetizamos neste trabalho, apresenta uma explicação sincrônica e parcial dos fatos no sentido de que os fatos mesmos ainda não estão bem descritos conforme discutimos em Pinto (2009b). A análise proposta dá conta da variação da clivagem no *corpus* analisado em Pinto (2008), *corpus* esse constituído predominantemente de dados de língua escrita (mesmo os filmes que podem ser considerados dados de língua falada, são produzidos antes por meio da escrita), que é fortemente influenciada pelas questões normativas.

Uma descrição da clivagem a partir de *corpus* de língua falada em situações espontâneas poderá mostrar se, de fato, o espanhol europeu se comporta de forma diferenciada com relação às demais variedades³⁷ (e não apresenta as *verdaderas clivadas*) ou se o espanhol europeu, pelo contrário, ainda possui as *verdaderas clivadas* e não passou por nenhuma mudança paramétrica nesse sentido com relação ao espanhol do século 17, quando as *verdaderas clivadas* já eram atestadas em textos literários conforme aponta Moreno Cabrera (1999).

6. Referências

- BELLETTI, Adriana. **Aspects of the low IP area**. In.: RIZZI, L. (Org). **The structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structure**. v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 16-51. 2004
- _____. **Extended doubling and the VP periphery**. University of Siena. ms. 2003
- CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes nos estudo da linguagem**. D.E.L.T.A., v. 13, número especial. 1997.
- _____. **Knowledge of Language: Its nature, origin and use**. New York: Praeger. 1986.

³⁶ Para um maior questionamento deste fato, ver as considerações finais que fizemos em Pinto (2009b).

³⁷ Groppi (2010) faz um estudo das construções de duplicação de clíticos como “la vi a Maria”, que são consideradas exclusivas do espanhol riopratense, e mostra, a partir de um corpus de língua falada, que o espanhol europeu também apresenta esse tipo de construção.

- COSERIU, Eugenio. **Sincronia, Diacronia e História: o problema da mudança linguística**. Trad. de Carlos A. da Fonseca e Mário Ferreiro. Rio de Janeiro: Presença. 1979.
- DI TULLIO, Ángela. **Clefting in spoken discourse**. In.: **Encyclopedia of Language of Linguistics**. 2. ed. Universidade de Oxford. 2005.
- _____. **Hendidias, inferenciales y presentativas**. In.: DÉNIZ, Magnólia Troya; SAMPER PADILLA, José Antonio (Orgs). **Actas del XI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina**. v. 1. Las Palmas de la Gran Canarias, p. 511-520. (citado do manuscrito) 1999.
- FONTANA, Josep M. **Phrase structure and the Syntax of clitics in the history of Spanish**. Ph.D Dissertatiton, Universidade da Pensilvânia. 1993.
- FONTANELLA DE WEINBERG, Maria Beatriz. **El español de América**. 2. ed. Madrid: Mapfre. 1993.
- GARRIDO DOMÍNGUEZ, Antonio. **La base del español americano y su realidad actual**. **Anuario brasileiro de estudos hispânicos**, v. 2, p. 13-28. 1992.
- GROPPI, Mirta. **Estructuras con clíticos: revisión de terminología y datos del español, Signo & Seña**, v. 20, p. 93-113. 2010.
- KATO, Mary. **Clivadas sem operador no português brasileiro**. In: **II SEMINÁRIO DO PROJETO TEMÁTICO DA FAPESP “SINTAXE GERATIVA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NA ENTRADA DO SÉCULO XXI: MINIMALISMO E INTERFACES”**. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2008.
- KATO, Mary; MIOTO, Carlos. **A multi-evidence analysis of European and Brazilian Portuguese Wh-questions**. In: KEPSER, S.; REIS, M. (Org) **Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives**. Berlin; Nova Iorque: Mouton de Gruyter. p. 307-328. 2005.
- KATO, Mary; RAPOSO, Eduardo. **European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions**. In. PARODI, C.; QUICOLI, A. C.; SALTARELLI M; ZUBIZARRETA, M. L. (Orgs). **Aspects of Romance Linguistics**. Washington: Georgetown U. Press, p. 267-277. 1996.
- KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. **Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese**. In.: DUFFER, A; JAKOB, D. (org.). **Focus and background in romance languages**. London: John Benjamins, p. 123-154. 2009
- KATO, Mary Aizawa; RIBEIRO, Ilza. **A evolução das estruturas clivadas no português: período**. v. 2. In: LOBO, Tânia et alii (Orgs). **Para a história do português brasileiro**. v. 2. Salvador: EDUFBA, p. 165-182. 2006.
- LIGHTFOOT, David. **Uma ciência da história?**. *D.E.L.T.A.*, v. 9, n. 2, p. 275-294. 1993.
- LOPES ROSSI, Maria Aparecida Garcia. **Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil**. In. ROBERTS, Ian; KATO, Mary Aizawa (Org). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 307-342. 1993.
- MIOTO, Carlos; KATO, Mary (no prelo). **As interrogativas-Q do Português Europeu e do Português Brasileiros atuais**. Revista da ALFAL.
- MODESTO, Marcello. **As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia**. São Paulo: Humanitas. 2001.
- MORENO CABRERA, Juan Carlos. **Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas**. In.: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Orgs). **Gramática descriptiva de la lengua española**. v. 3. Madri: Espasa Calpe, p. 4245-4302. 1999.
- PINTO, Carlos Felipe da C. (em preparação). **O movimento do verbo na história do espanhol**. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas.

- _____. **Los criterios sintácticos en la división dialectal del español.** In.: PINTO, Carlos Felipe da C.; IRALA, Valesca Brasil (org.). **Um dossiê de estudos linguísticos hispânicos.** São Paulo: Casa do Novo Autor, p. 61-97. 2009a.
- _____. **La adquisición de la escisión en el español peninsular.** Exame de Qualificação de Área, Universidade Estadual de Campinas. 2009b.
- _____. **Uma análise das construções de clivagem e outras construções focalizadoras no espanhol atual.** Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal da Bahia. 2008.
- RIBEIRO, Ilza. **Construções de focalização.** Comentários ao texto de Simone Guessier. In: **Encontro do GT de Teoria da Gramática – ANPOLL.** Brasília: UnB. 2009.
- RIZZI, Luigi. **On the form of chains: criterial positions and ECP effects.** Universidade de Siena. ms. 2004
- _____. **The fine structure of the left periphery.** In. HAEGEMAN, Liliane (Org). **Elements of grammar.** Kluwer: Dordrecht, p. 281-337. 1997.
- _____. **“Residual verb second and the Wh criterion”.** Technical Reports in Formal and Computational Linguistics, v. 2, Universidade de Geneva. 1991.
- ROBERTS, Ian. **The C-System in Brythonic Celtic Languages, V2 and the EPP.** In: RIZZI, Luigi (org.) **The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures.** v. 2. Oxford: Oxford University Press, p. 297-328. 2004.
- SORNICOLA, Rosanna. **It-clefts and wh-clefts: two awkward sentence types.** Journal of Linguistics, v. 24, p. 348-79. 1988.
- TORIBIO, Almeida Jacqueline. **Focus on clefts in Dominican Spanish.** In.: LEE, J; GEESLIN, K.; CLEMENTS, J. C. (Orgs). **Structure, Meaning, and Acquisition in Spanish.** Somerville, MA: Cascadilla Press, p. 130-146. (citado do manuscrito). 2002.
- _____. **Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish.** Língua, v. 10, p. 315-341. 2000.
- ZUBIZARRETA, Maria Luisa. **Prosody, focus, and word order.** **Linguistic Inquiry Monograph 33.** Cambridge, Mass: The MIT Press . 1998.